



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Toni André Scharlau Vieira (ECA-USP e Faculdade de Pato Branco – PR)

Jornalismo no interior – potencialidades éticas e técnicas¹

Questões éticas, de estilo, os exercícios profissionais jornalísticos que envolvem técnicas, formas de angulação, enfim, os principais temas de debates acadêmicos e profissionais sempre estiveram na órbita dos grandes meios. Neste trabalho há o empenho por ampliar o debate sobre as potencialidades do jornalismo que é realizado fora dos grandes centros urbanos. A idéia é que se precisa recuperar a importância de um modo de fazer jornalismo que pode resgatar importantes características como a verdadeira tarefa de ligar universos sociais. Antes de se pensar na velha fama de *picaretagem* dos jornais do interior, também é preciso lembrar que muitos dos grandes escritores e jornalistas brasileiros iniciaram suas carreiras em pequenas gazetas, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade e José Hamilton Ribeiro, somente para citar dois.

Palavras-Chave

JORNALISMO

COMUNIDADE

MERCADO

“Mas acontece que o Brasil não é só litoral,
é muito mais é muito mais que qualquer zona sul...”

Milton Nascimento e Fernando Brant

IN: Notícias do Brasil(Os Pássaros Trazem)

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Os veículos dos grandes centros ou os veículos de grande presença nacional e internacional sempre seduziram mais os pesquisadores, os críticos e os profissionais. Entre alunos de graduação, por exemplo, é difícil encontrar algum que queira investir na construção de uma carreira no interior do seu estado ou do Brasil. Aqueles que estudam no interior acalentam, quase sempre, a idéia de transferir-se para as capitais.

Além dos levantamentos numéricos e dos diagnósticos sobre a presença dos grandes grupos de comunicação, o interior sempre é coadjuvante nos universos acadêmicos. Esquece-se, por exemplo, que, numericamente, os veículos de comunicação do interior são bem mais significativos que os dos grandes centros. Empregam mais pessoas e, em vários casos, possuem uma maior sobrevida. São inúmeros os títulos impressos que existem há mais de 100 anos em todo o interior do Brasil.

Mas a grande questão que deve ser lembrada aqui é o aspecto de potência do jornalismo praticado no interior para ampliar a qualidade da produção e reintroduzir rotinas que aproximem a prática diária dos desejos e reais necessidades da população. Em que pese as dificuldades de investimento e manutenção das empresas (que as jogam, invariavelmente nas mãos dos péssimos administradores públicos, como reféns) é nos jornais do interior que se vê uma maior proximidade entre jornalista e público receptor.

Esta proximidade que é, em princípio, problema (se pensarmos nas possibilidades de pressão e interferências) é uma das principais potências para ampliar a prática de um jornalismo afastado das gramáticas redacionais e das formas que empobrecem a produção contemporânea. Por exemplo, no caso do jornalismo impresso, o seguimento do modelo USA Today (televisão impressa) diminui o diálogo e torna a relação com o leitor burocrática. O resultado disto pode ser percebido no esforço das empresas jornalísticas que têm investido na distribuição de brindes para poder ampliar ou manter sua circulação paga.



No que se refere aos textos, o trabalho jornalístico nos grandes centros investe em uma especialização gramaticalizada como forma de consolidar rotinas. No interior isto não é diferente, prova é que os manuais de redação de veículos como **O Estado de S. Paulo** e **Folha de S. Paulo** são muitas vezes adotados em pequenas redações como exemplos a seguir. A questão é que para os jornais do interior, em função de sua pequena estrutura, torna-se mais fácil ampliar o nível de complexidade da produção.

Libertar-se das gramáticas, neste caso, é algo possível, pois, em redações pequenas, há condições implícitas para um maior diálogo. Lógico que isto depende dos critérios dos dirigentes. Porém, do ponto de vista de implementação, devido a proximidade dos atores com a sociedade local, as demandas estão mais visíveis.

Um exemplo disto é o cotidiano do repórter. Por ser identificado na sociedade, muitas vezes ele é responsabilizado de uma maneira mais aguda que um repórter da chamada grande imprensa. Ao realizar uma cobertura local, conforme a repercussão do texto, ele pode ampliar seu prestígio ou complicar seu convívio.

Falar de especialização gramaticalizada quando se trata da produção jornalística contemporânea soa quase como uma redundância. Estas características já se confundem com o fazer jornalístico e, para grande parte dos consumidores dos meios de comunicação, parece ser algo intrínseco, indissociável. Infelizmente temos uma triste característica de acostumarmo-nos com coisas deficientes ou de baixa qualidade.

Preconceito? Brincadeira? O fato é que estamos assistindo ao aguçamento de uma transformação no jornalismo nos últimos anos de forma bastante acentuada. E uma transformação para pior! O simples fato de não ter surgido nenhum grande nome da reportagem nos últimos 10 anos não é algo



significativo? Quem foi o grande repórter dos anos 90, não importa o veículo ou a linguagem?

Os modelos de produção jornalística atuais impedem (ou pelo menos reduzem as possibilidades), inclusive, a formação de bons repórteres e/ou equipes de reportagem. Além dos problemas naturais da formação humanística dos cidadãos contemporâneos, o excessivo número de regras e a adoção de raciocínios de fechamento de edições a partir de fórmulas e condições pré dadas, fazem com que a criatividade e o feeling se transformem em mercadoria de segunda ou terceira mão. O compromisso é, muito mais, com os horários de fechamento, os anunciantes, as lógicas patronais. O receptor, a informação, o compromisso social e o tesão pela prática profissional não são relevantes.

Diante de um quadro como este, que pode até mesmo ser chamado de desumano, é preciso olhar e valorizar os acontecimentos onde estranhamentos e visões de afeto põe em dúvida as certezas técnicas enclausuradas no chamado saber técnico. Abrir, colocar uma cunha nas limitações impostas à narrativa jornalística contemporânea é, portanto, quase que uma condição para que se atinja um devirⁱ.

Esta problemática também pode ter um menor impacto no interior, pois, em geral, as redações possuem menos vícios e estariam abertas a um novo tipo de raciocínio. Os estudantes e recém formados poderiam ser mais bem preparados para influenciar e contribuir com mudanças neste cenário.

A perspectiva de um devir no campo jornalístico passa (a idéia de abertura se mantém como a de uma cunha colocada entre a “técnica pura” e a tradição cristã ocidental) por confrontar as limitações impostas e pelo entendimento de que é possível ir além dos reducionismos tecnicistas. Ainda que se trabalhe em veículos consagrados e impostores de práticas baseadas em conceitos de racionalidade monádica, maniqueísta e autoritária.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Para produzir novos sentidos a partir da narração dos aconteceres da humanidade é necessário mais do que abertura e aposta no devir. É preciso, também, crença e aspiração de que se pode ser capaz de ampliar os atos de relações entre os homens. Realizar tarefas como esta está longe de ser algo fácil. É preciso, como propõe Francisco Varela¹, se colocar como um sujeito que vai redefinindo-se e reconhecendo-se em um movimento onde articulam-se e reajustam-se, constantemente, os processos cognitivos e a experiência.

Humildade e coragem de quem aceita desafios. Isto é fundamental para quem estiver certo de que existem chances de humanizar ainda mais a nossa produção jornalística e minar os raciocínios técnicos e burocráticos. Se o jornalismo está optando por capturar o real como prova do triunfo da razão sobre a emoção (por exemplo), é patente, que este ato é contra o humanismo. Ao negar, peremptoriamente, os gestos humanos, o jornalismo se fecha no seu conjunto de regras mecânicas e, cada vez mais, se afasta das possibilidades de diálogo ético, de debate técnico e de produção estética.

A ética, a técnica e a estética, enquanto tecido da comunicação social, necessitam de investimentos afetuosos, emotivos, para poder fugir ao conjunto de rotinas que pasteurizam a produção e, portanto, tornam o fazer jornalístico árido e reducionista no que se refere ao seu potencial dialógico. Os dilemas resultantes da necessidade de obediências teóricas produzem movimentos que apontam para uma relação com a realidade que depende do observador.

O contato com o real de quem está aspirando apreender o coletivo e toda a sua complexidade, se coloca para além da experiência restrita e restringida das lógicas coisificadoras. Nos seres humanos o operar uma linguagem não se limita a utilizá-la, trabalhar com ela. A peculiaridade aqui é o cruzamento necessário entre linguagem e emocionar-se.

Nesta perspectiva, os profissionais que estão mais próximos dos fatos e de suas repercussões podem não só produzir trabalhos mais sintonizados com as

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



demandas sociais, mas, também, promover um diálogo mais revelador e cidadão. O personagem com quem o repórter falou ontem pode cruzar com ele na rua. Ao mesmo tempo a sua produção se reflete de uma maneira mais visível pois a repercussão dos conteúdos e o “juízo” sobre a sua qualidade se dão de forma rápida e podem alterar rotinas.

Entre os grandes veículos é até mesmo temerário realizar críticas sobre rotinas e gramáticas e propor novos formatos para superar os atuais modelosⁱⁱⁱ, no entanto, é possível apontar necessárias mudanças de posturas. É preciso, por exemplo, que o jornalismo passe a considerar o processo de comunicação como uma relação entre enunciador e co-enunciador de discursos e não simplesmente um esquema funcionalista baseado no poder do emissor sobre os receptores^{iv}.

Na contramão do rotineiro seguimento de regras mecânicas é preciso investir mais na linguagem como elemento do emocionar. Maturana afirma que o "peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar."^v O conceito de linguagem aqui (ainda que seja entendido apenas como linguagem jornalística) não pode ser entendido apenas como um sistema simbólico da comunicação. Maturana entende que o "linguajar" é muito mais do que isso, é o ápice da relação humana e se dá no espaço do amor, onde o outro é reconhecido como um legítimo outro na convivência, com a sua presença incluída e não negada.

"A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenações de ações consensuais. Mais ainda, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações. (...) se constitui e se dá no fluir das coordenações consensuais de ação, e não na cabeça, ou no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe."^{vi}

O pensador chileno aponta que a linguagem só poderá existir enquanto tal se houver a aceitação do outro. Ela se consubstancia se for construída na

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



convivência e nos espaços de existência afetiva. Onde há agressividade e violência não se constitui a linguagem.

Toda vez que o esforço da gramaticalização especializada se coloca para chegar a modulação da objetividade (quimérica) se pode concluir que é impossível racionalizar o fazer jornalístico. A autêntica mediação social se consubstancia a partir do observar uma dada situação levando-se em conta a rede de intersubjetividades que a caracterizam ou mesmo a determinam.

Produzir sentidos através dos meios de comunicação é, também, ter claro o modo que se constroem e refazem os valores, através de processos incessantes de interação. O trabalho jornalístico deve, portanto, estar sintonizado com a noção de que o mundo só passa a ganhar sentido quando pode ser entendido como uma espécie de objeto "comum". Este entendimento seria alcançado através das relações complexas, em nível de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produziriam a alteridade e a comunicação.

A grande responsabilidade do jornalismo continua sendo a de realizar um pluralismo comunicativo que se refletiria em um maior entendimento sobre o cotidiano e a História (parafraseando Agnes Heller). Assim, os profissionais da comunicação tornam-se expoentes do jogo dialético da mediação social (indivíduo, coletividade e universalidade) e se colocam como possibilitadores da superação do predomínio da técnica.

Se o homem ocidental tem pensado a história somente a partir da técnica (que obviamente está presente no cotidiano), se as referências sobre as grandes produções são, sobretudo, quantitativas, cabe ao mediador social repropor debates coletivos baseados em noções qualitativas. Não se trata de negar a técnica ou mesmo a especialização mas de fazer estas questões serem entendidas, também, como forma de produção da inteligência do homem, de humanização das relações sociais. É o jornalismo se constituindo como fator de união e não de



confusão, resgatando as cenas vivas do complexo acontecer das cenas sociais cotidianas.

Como um veículo de comunicação local haverá sempre a característica da proximidade destacada. Mesmo nas cidades pólo do interior (como Bauru, Campinas, Ribeirão Preto e Lins, em São Paulo) os jornais impressos da capital, por exemplo, sempre serão uma segunda leitura. Aliás, a instituição de cadernos regionais por veículos como a **Folha de S. Paulo**, visam a diminuir este impacto.

Esta, aliás, não é uma questão apenas brasileira. O Escritório de Auditoria de Circulação dos Estados Unidos, instituto semelhante ao IVC, revelou recentemente que as vendas do **The New York Times**, por exemplo, cresceram 3,8%, chegando a 1.194 de exemplares. Foi o maior registro na vendagem do diário nos últimos nove anos. Mas quem saiu na frente foi **The New York Post**, cuja circulação diária subiu 15,4% (75 mil exemplares). Ao mesmo tempo o **USA Today**, diário mais vendido no país, teve uma queda na circulação de 3,4% nos últimos seis meses, se comparado ao mesmo período do ano passado. Foi o pior número registrado pelo periódico desde 1985.

Até mesmo nos EUA se verifica que, do ponto de vista da identificação entre emissor e receptor, os veículos locais crescem e se consolidam. Claro que isto não pode desenvolver-se totalmente se não houver um investimento no potencial humano. Aliás esta característica já é buscada pelos jornalistas que se destacam no mundo inteiro a partir da noção de aproximar as produções de textos periódicos com o universo da literatura.

Durante o mês de abril de 2002 profissionais do porte de Gabriel García Márquez e Tomás Eloy Martínéz se reuniram na cidade mexicana de Monterrey, para participar de seminário chamado “novo jornalismo para um novo milênio”. A principal preocupação dos participantes foi a necessidade de seduzir o leitor com texto e foto, carregando-o para dentro da reportagem de forma arrebatadora. O debate ocorreu após a entrega do Prêmio Nuevo Periodismo Ibero-Americano,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

criado pelo jornalista e escritor García García Márquez. Para os participantes do seminário (entre eles vencedores do prêmio, finalistas, editores e repórteres) ainda persiste um problema crônico no jornalismo contemporâneo: o péssimo hábito de subestimar o leitor.

O comparativo entre este diagnóstico produzido no México e a realidade possível do jornalismo do interior, aponta ainda mais para as potencialidades que se apresentam. A questão não é o investimento de capital ou a construção de poderes políticos, o que é preciso fazer é consolidar uma prática que coloque o receptor como sujeito e o produtor jornalista como verdadeiro mediador social.

Para isto é necessário investir numa política diferenciada de recursos humanos, mas, principalmente, em um novo raciocínio de produção. É neste sentido que o trabalho dos cursos de graduação no interior e na capital se torna relevante para a resignificação da atividade jornalística nas pequenas empresas de comunicação.

Aqui se vê claro a necessidade de fazer com que a preparação dos futuros jornalistas se dê no sentido de ir além da simples colocação no mercado de trabalho. O profissional graduado deve estar preocupado em ser bem mais que uma peça na engrenagem. É na academia que está a maior responsabilidade por uma possível mudança da prática profissional, e estas possibilidades são mais claras no interior do Brasil.

Cabe aos pesquisadores, docentes e profissionais o empenho por ampliar este debate e trabalhar para que se possa não só ampliar mercado, mas, também, melhorar a qualidade da produção. Esta tarefa está por completar-se e, por isso, precisa mais divulgação.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Claudio. A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação. Trama de desejos e espelhos. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.
- BECELLONI, Giovanni. Giornalismo o post-giornalismo. Napoli, Liguori Editore, 1995.
- BELTRÃO, Luiz. Jornalismo Opinativo. Porto Alegre, Sulina, 1980.
- _____. Jornalismo Interpretativo. Porto Alegre, Sulina, 1976
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. São paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. Herói de mil faces. 5ª edição, São Paulo, Cultrix, 1999..
- CAPRA, Fritjof. A teia da Vida. São Paulo, Cultrix, 1996.
- _____. Sabedoria Incomum. São Paulo, Cultrix, 1988.
- CASASÚS, Josep Maria e LADEVÉZE, Luiz Nuñez. Estilo y gêneros periodísticos. Barcelona, Ariel Comunicación, 1991.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano – Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1996.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do Jornalismo. Buscas práticas para uma ação jornalística. São Paulo, Summus, 1993, p 108.
- CHISHOLM, Roderick M. Teoria do Conhecimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- CONTRERA, Malena Segura. O mito na mídia – a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São paulo, Anna Blume, 1996.
- FISKE, John. Introdução ao estudo da comunicação. Porto, Asa Editores II, S.A., 4ª edição, 1998.
- FONTCUBERTA, Mar de. La noticia – pistas para perceber el mundo. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica S.A., 2ª impressão, 1996.
- GRECO, Milton. Interdisciplinaridade e revolução do cérebro. São Paulo, Pancast Editora, 1994.
- GUATARRI, Felix e DELEUZE, Gilles. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.
- GUATARRI, Felix. Revolução molecular: pulsação política do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1981.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural na esfera pública. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- _____. Teoría de la acción comunicativa I - racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid, Taurus, 1988.
- _____. Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos. Madrid, Ediciones Cátedra, 1994.
- _____. Storia e critica dell' opinione pubblica. Roma, Editori Laterza, 1998, 5ª edizione.
- HALIMI, Serge. Os novos cães de guarda. Petrópolis, Vozes, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. A era dos Extremos - O breve século XX 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, Edvaldo Pereira. El periodismo impreso y la teoría general de los sistemas: un modelo didático. México, Trillas, 1991.
- _____. Colômbia, espelho América. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989.
- _____. Páginas ampliadas - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo, Editora da Unicamp, 1993.
- _____. (org.). Econautas - Ecologia e Jornalismo Literário Avançado. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.
- MARQUES, Gabriel Garcia. Como contar um conto. Rio de Janeiro, Casa Jorge Editorial, 1995.
- MARQUES, Gabriel Garcia. Cheiro de Goiaba – conversas com Plínio Mendonza. 3ª edição, Rio de Janeiro, Record, 1982.
- MARQUES de Melo, José A opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis, Vozes, 2ª edição revista, 1994.
- MATELART, Armand. Comunicação mundo. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MEDINA, Cremilda. Notícia: um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª edição, São Paulo, Summus, 1988.
- _____. Profissão Jornalista: responsabilidade social. Rio de Janeiro, Forense, 1982.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- _____. “Jornalismo e literatura: fronteiras e intersecções”. IN: Cadernos de Jornalismo e Editoração. Vol. 11, nº 25, São Paulo, ECA/USP, 1990. Pp 25 a 38.
- _____ e LEANDRO, Paulo R. A Arte de tecer o presente. São Paulo, média, 1973.
- _____. Saber plural – estratégias inter e trans disciplinares xerox, 1992.
- _____. (org.) Novo Pacto da Ciência, a crise dos paradigmas, 1º seminário transdisciplinar - anais. São Paulo, ECA/USP, 1991.
- _____. Povo e Personagem. Canoas, Editora da ULBRA, 1996.
- _____. Símbolos e narrativas – rodízio 97 na cobertura jornalística. São Paulo, Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 1998.
- _____. Narrativas a céu aberto – modos de ver e viver em Brasília. Brasília, editora da UnB, 1998.
- MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 2, Do Hemisfério Sol a Ciência escuta outros discursos - Arte, Teologia e Ética - para vencer a fragmentação. São Paulo, ECA/USP, 1993.
- MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 3, Saber Plural. São Paulo, ECA/USP, 1994.
- MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Novo Pacto da Ciência 4, Sobrevivências no mundo do Trabalho. São Paulo, ECA/USP, 1995.
- MEDINA, Cremilda & GRECO, Milton (orgs.) Agonia do Leviatã; a crise do Estado moderno. São Paulo, ECA/USP; CNPq, 1996.
- OLINTO, Antonio. Jornalismo e literatura. Rio de Janeiro. Edições de Ouro, 1968.
- ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. A moderna tradição brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- _____. Mundialização e Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- PALACIO, Juan Gutierrez. Periodismo de opinion - redaccion periodistica e seleccion de textos. Madrid, Paraninfo, 1984.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo, Editora da Unesp, 1993.
- PRIGOGINE, Ilya,. O fim das certezas. São Paulo, Editora da Unesp, 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- RESENDE, Fernando Antonio. O devenir dos discursivos: o ficcional e o factual no novo jornalismo de Tom Wolfe. (xerox) Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras – estudos Literários – da UFMG, 1995.
- RESTREPO, Luis Carlos. O Direito à ternura. Petrópolis, Vozes, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SANCHEZ, Jose Francisco e LOPÉZ, Fernando. “Tipologias de gêneros periodísticos en España. Hacia un nuevo paradigma”. (xerox) Universidade de Navarra, Pamplona, Espanha, 1999.
- SANTAMARIA SUAREZ, Luisa. Gêneros para la persuasión en periodismo. Madrid, 1997.
- SANTOS, Boaventura Souza. Pela mão de Alice – o social e o político na pós modernidade. São Paulo, Cortez, s/d.
- SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo, Hucitec, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- SORRENTINO, Carlo. I Percorsi della Notizia – La stampa cotidiana italiana tra politica e mercato. Bologna, Baskerville, 1995.
- SOUZA, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- SUÁREZ, Luisa Santamaría. Géneros para la persuasión en periodismo. Madrid, Editorial Fragua, 1997.
- TARDE, Gabriel. A opinião e as massas. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.
- VARELA, Francisco J. et alli. Las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona, Editorial Gedisa, 1992.
- VARELA, Francisco J. e ROSCH, E. Thompson. De cuerpo presente. 2ª edição, Barcelona, Editorial Gedisa, 1997.
- VARELA, Francisco J. Conocer – Las ciencias cognitivas: tendencias y perspectivas. Cartografía de las ideas actuales. Barcelona, Editorial Gedisa, 1996.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



¹ No sentido filosófico, utilizo devir como uma “coisa” que passa de um “estado” para outro, mas que, de certa forma, se conserve. Muda a forma de encarar o fenômeno, mas não a sua natureza.

² Junto com Humberto Maturana, Francisco Varela formulou a idéia de autopoiese, ou seja: auto criação, que considera todos os sistemas vivos como capazes de cognição, inclusive a própria vida na terra (Gaia).

³ Temerário porque se corre o risco de, na proposição de alternativas ao conjunto de regras, chegar-se a propostas que, da mesma maneira, acabem por estruturar pré-raciocínios ou fórmulas.

⁴ É importante ressaltar que o uso de termos aqui não é o pano de fundo. Pela prática e tradição, é bastante normal usarmos receptor e emissor quando nos referimos ao processo de comunicação. A idéia de co-enunciador, emprestada da lingüística, significa a necessidade de participação (ou de reconhecimento da participação) do consumidor da produção jornalística, no caso

⁵ Humberto MATURANA. Emoções e linguagens na educação e na política. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1998. P. 19

⁶ Humberto MATURANA.op. cit. Pp. 20 e 28.